

Testando a Plataforma *Moodle* num curso de História da América I

Jaime de Almeida

Resumo: Balanço de uma experiência de docência da disciplina História da América I (curso de graduação em História, UnB), combinando a sala de aula com o ambiente virtual da Plataforma Moodle. Esta ferramenta de trabalho construída por uma rede de voluntários, inteiramente gratuita e inspirada na pedagogia construtivista, dispõe todos os elementos de comunicação entre o professor e seus alunos em torno de um fórum permanentemente aberto à discussão.

Palavras-chave: ensino, História da América, ambiente virtual, construtivismo social, Plataforma Moodle.

Abstract: This article reports a teaching experience within the subject American History I (Undergraduation History Program, UnB), which combined classroom activities with the virtual environment at the *Moodle* Platform. This tool – which is entirely free and was inspired by the pedagogical principles of Constructivism – was built by a group of volunteers. It enables the Professor and his students to be permanently connected by a common debating forum.

Keywords: teaching practices, American History, virtual environment, social Constructivism, *Moodle* Platform.

Há um ditado popular apropriado para professores entusiasmados com uma nova ferramenta de trabalho, interessadíssimos em divulgá-la, mas que, quando recebem um convite para fazê-lo, percebem que podem ter caído numa armadilha: “O peixe morre pela boca”. Esta será nossa chave metafórica de comunicação nas entrelinhas do que segue: pensemos em peixes, iscas e anzóis...

A **Plataforma Moodle** (acrônimo de Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é uma experiência iniciada em 1999 por [Martin Dougiamas](#) sob a forma de comunidade virtual ([Moodle.org](#)) que envolve administradores de sistema, professores, pesquisadores, designers instrucionais, desenvolvedores e programadores. A filosofia do projeto se apóia no modelo pedagógico do **Construtivismo Social** e na militância por programas gratuitos de código aberto. Um detalhe notável é que tudo isto se insere na preparação da tese de doutorado de Martin Dougiamas no Science and Mathematics Education Centre da Curtin University of Technology de Perth, Austrália,

intitulada "The use of Open Source software to support a social constructionist epistemology of teaching and learning within Internet-based communities of reflective inquiry". [No Brasil](#), há mais de uma centena de sites associados à Moodle.org.

Meu primeiro contato com a **Moodle** foi um [mini-curso](#) oferecido na UnB. Tomei conhecimento de que a experiência já vinha sendo desenvolvida desde o ano passado por um grupo de professores (na maioria ligados a departamentos de Ciências Exatas, de Informática e da Faculdade de Educação), sem nenhum vínculo institucional com a própria universidade. Mordi com voracidade a isca: por um lado, porque o computador e a internet estão incorporados de uma forma quase adolescente à minha vida e, por outro, porque eu já vinha utilizando duas ferramentas de trabalho no ambiente virtual: o blog [Historiando, dia a dia](#) e a lista de discussão [HAMérica](#), além de atuar (talvez até mesmo exageradamente...) na [Lista de Discussão da ANPHLAC](#).

Fiquei muito feliz ao constatar que a Plataforma Moodle, inspirada no **Construtivismo Social**, reserva aos estudantes de uma dada disciplina um papel muito mais ativo do que é possível nos blogs (que já são por natureza mais dinâmicos que os sites pessoais) e nas listas de discussão.

No essencial, a **Moodle** me fascinou por criar um ambiente virtual complementar à sala de aula: ela nos permite organizar, ou pelo menos influir na organização do tempo que o estudante deve dedicar à “nossa” disciplina nas suas horas vagas. Cabe ao professor aplicar seu programa, indicar leituras, propor questões, avaliar os alunos, etc., mas a aposta pedagógica maior está na dinâmica do **Fórum**: nele os estudantes podem manifestar-se a qualquer momento, externando seus pontos de vista, trocando idéias entre si, construindo conhecimentos segundo suas próprias estratégias de estudo, comunicação, discussão. Não quero sugerir uma analogia completa entre as práticas gregárias da “vida real” e as da “realidade virtual”, mas tenho certeza de que os professores já estamos – sabendo ou não – sendo mencionados em milhares de comunidades virtuais compostas especialmente por jovens de classe média e superior do nosso país real (Orkut, Linked In, Virtus, etc). Aliás, a Plataforma Moodle apresenta alguma semelhança com tais comunidades virtuais: o professor e os estudantes podem, se quiserem, personalizar o seu perfil (foto, dados biográficos, inclinações pessoais, áreas de interesse, e-mail, site, etc).

Antes de entrar no relato específico da experiência, convém esboçar o contexto maior em que ela se inseriu. Ensino **História da América** na UnB desde 1988; trata-se de conteúdo obrigatório do curso de Graduação, dividido em 3 disciplinas semestrais de 60 horas: História da América 1, 2 e 3 (abarcando o continente americano, evitando os conteúdos específicos da **História do Brasil**). Além desta seqüência obrigatória, os estudantes podem cursar **Tópicos Especiais em História da América**, e alguns desenvolvem projetos individuais de **Iniciação Científica**. Na UnB, os professores da área de História da América circulam entre os 3 grandes recortes temporais da matéria, oferecendo cursos de natureza geral, voltados prioritariamente para a formação de professores (porque a maioria esmagadora dos alunos opta pela Licenciatura, e porque temas específicos podem ser tratados nos Tópicos Especiais e na Iniciação Científica). Outro aspecto relevante a destacar neste quadro é que nem meus estudos de Mestrado, nem de Doutorado, foram voltados para esta especialidade, o que me obriga a me ver como uma espécie de auto-didata e a me comportar como um eterno aprendiz. É claro que tais coordenadas marcam inexoravelmente a minha experiência docente.

Começando a esboçar o programa da disciplina História da América 1 durante o mini-curso, dei-me conta de que seria muito difícil acrescentar aos desafios da familiarização com a nova ferramenta virtual a ousadia de renovar o programa que venho aplicando desde 1988... Aliás, depois de 4 ou 5 anos mais concentrados em História da América 2 e 3, eu já o retomara no ano anterior fazendo algumas modificações, mas preservando no essencial a sua concepção. Isto significa que a inovação maior se concentraria na introdução do ambiente virtual e que esse novo recurso apenas ampliaria, de certa forma, o conjunto dos meus próprios objetivos, expectativas, rotinas e limites como professor. A propósito, esta foi a primeira disciplina experiência de integração sistêmica entre a sala de aula e o ambiente virtual no Departamento de História da UnB.

Minha primeira tarefa na montagem do ambiente virtual do curso consistiu em sintetizar o programa com uma **ementa**:

O curso focalizará a trajetória do continente americano, da revolução neolítica à segunda metade do século XVIII. O primeiro bimestre será dedicado a problemas de historiografia americanista, teoria e método: o etnocentrismo e o papel do Estado na História; o verso e o reverso da Conquista; problemas de História Econômica da América Colonial. No

segundo bimestre, comparando as regiões hispânicas, inglesas e francesas, os alunos realizarão e apresentarão pesquisas orientadas para diferentes aspectos da América colonial, tomando como eixo central a problemática da aculturação.

A seguir, tratava-se de ocupar progressivamente a **Agenda do Curso**, que tem uma estrutura modular padronizada (semanal ou temática). Adotei o formato de progressão semanal, dosando com muito mais segurança que antes todas as tarefas a cumprir em cada uma das 30 aulas do semestre. Para a primeira semana, por exemplo, dedicada à **Discussão do Programa**, programei as seguintes atividades extra-classe: o questionário **Primeiras Expectativas** (título pouco apropriado, na verdade, pois trata-se de material disponibilizado por colegas pioneiros da **Moodle** da UnB, e focaliza as experiências do aluno em relação ao seu próprio processo de aprendizagem, avaliando sua inclinação entre dois perfis extremos: aprendizagem auto-centrada ou participativa) e três textos digitalizados: François-Xavier Guerra, **Memórias em Transformação** e duas resenhas minhas (Serge Gruzinski, **A colonização do imaginário** e Nathan Wachtel, **Le retour des ancêtres**).

A reação dos alunos foi previsível: cerca de metade manifestou de uma forma ou de outra adesão imediata à novidade, e talvez um terço dos alunos esquivou-se apesar de todas as minhas tentativas. Procurando compreender as razões de tal recusa, identifiquei: **dificuldades de acesso** à internet (há um bom número de jovens de condição social modesta; há pessoas de todas condições que simplesmente afirmam não querer aproximar-se do computador ou da internet) e **desconfiança** (alguns estudantes aparentemente temem expor-se a situações que implicam ou podem implicar em avaliação pelo professor). Por estas ou por outras razões, como a adesão não foi completa, tive de moderar minhas expectativas – especialmente quanto às possibilidades de avaliação – e passei a encarar o ambiente virtual como uma oportunidade a mais de contato com os alunos dispostos a isto, ou, melhor ainda, como algo equivalente a uma certa intimidade idealizada que teria(?) existido entre alunos e professor em décadas passadas.

Felizmente, o número de inscritos no ambiente virtual chegou a 67, o que me permitiu manter contato constante com a maioria dos alunos das duas turmas (matutina e vespertina) e imprimir um ritmo bem regular ao semestre. Em especial, graças à regularidade e rapidez no fluxo da informação, a **Moodle** me deu muito mais liberdade

para seguir impulsos e propor experiências imprevistas, limitando o risco de malentendidos e desencontros.

Um dos meus objetivos no curso não podia deixar de ser o de reforçar a **inclusão digital**. Muitos estudantes, mesmo entre aqueles que pareciam ter intimidade com a informática e a internet, desconheciam os mais prosaicos procedimentos de pesquisa, e atribuíam esta limitação à sua admissão recente na Universidade (a disciplina é oferecida no segundo semestre). Aquela frase muito conhecida nossa: “professor, procurei muito, mas não encontrei nada sobre o assunto **x** na biblioteca...” simplesmente se duplicou. Felizmente, algumas vezes tive o prazer de perceber a eficácia de sugestões bem simples como, por exemplo, utilizar nos programas de busca (Google, Altavista, Cade, etc) **palavras chave em espanhol**.

Já me referi à importância do **Fórum** na proposta pedagógica construtivista da **Moodle**. Cada mensagem do professor ou do aluno ao **Forum de Notícias** pode ser comentada quantas vezes for necessário. Mesmo se o aluno deixa de visitar espontaneamente a página do curso, recebe diariamente na sua caixa de correio eletrônico o conjunto integral de mensagens trocadas no Fórum, além de todos os novos materiais inseridos pelo professor (links para arquivos, museus, fontes digitalizadas, textos de leitura complementar; resenha de livro; roteiro da aula expositiva; apresentação feita por um grupo de alunos em formato PowerPoint; complementação de atividades já previstas; questionários; convocação para visita a uma exposição; anúncio de suspensão imprevista de uma aula, etc). Aqui vai uma indicação da variedade de temas tratados no **Fórum**, em ordem cronológica de abertura:

- 10/03: **Atividades de monitoria** (12 mensagens)
- 16/03: **Discutindo o Programa** (24 tópicos, 129 mensagens)
- 28/03: **A origem do homem americano** (15 mensagens)
- 29/03: **A Leyenda Negra** (4 mensagens)
- 02/04: **Sociedades contra o Estado e sociedades estatais** (11 mensagens)

- 05/04: **As concepções acerca do “Sistema Econômico Mundial” e do “Antigo Sistema Colonial” : a preocupação excessiva com a “Extração de excedente”** (26 mensagens)

- 13/04: **Celso Furtado: História Econômica da América Latina** (3 mensagens)

- 14/04: **Imperialismo: o que é?** (7 mensagens)

- 25/04: **História Econômica Geral** (4 mensagens)

- 26/04:

Todas as minhas frustrações, tudo o que eu queria aprender e ainda não aprendi - pistas para resolvê-las (19 mensagens)

Memorial – descobrindo a América (19 mensagens)

- 01/05: **Finalmente: o tema que cada um de nós sempre quis pesquisar!** (96 mensagens)

- 03/05: **Portais, páginas de interesse para pesquisa** (3 mensagens)

- 09/05: **Por que não um seminário (ou mais) de história econômica?** (14 mensagens)

- 10/05: **Meso-América** (2 mensagens)

- 12/05: **Museus Virtuais** (4 mensagens)

- 13/05: **Lapa da Pedra** (1 mensagem)

- 14/05: **Você disse... Monografia? O que você quer de mim???** (1 mensagem)

- 16/05: **Atendimento da monitoria** (3 mensagens)

- 17/05: **Um curso de Antropologia on-line, no Peru!** (1 mensagem)

- 18/05: **Surpreendente! Caral, a cidade mais antiga das Américas (5.000 anos)** (2 mensagens)

- 19/05: **Organizando a seqüência dos seminários** (3 mensagens)

- 02/06: **Precisamos completar a seqüência dos seminários urgente!** (25 mensagens)

- 29/06:

Urgente! Bibliografia sobre Nossa Senhora de Guadalupe (1 mensagem)

Monografias de conclusão do curso (7 mensagens)

- 01/07: **Menções Finais** (9 mensagens)

A maioria destas mensagens corresponde à circulação de informação. Apenas alguns dos 67 estudantes (e 3 monitores) utilizaram o **Forum** para a discussão acadêmica. Aqui vão minhas especulações iniciais a respeito desse resultado pouco empolgante:

Em primeiro lugar, na comunicação no ambiente virtual operam quase da mesma forma certas relações presentes na sala de aula – especialmente em salas com trinta ou mais alunos: são poucas as pessoas dispostas a externar e desenvolver com clareza os seus pontos de vista. Já nas primeiras semanas de qualquer curso, o grupo distingue, entre as poucas pessoas mais desinibidas, aquelas que têm ou querem ter alguma sintonia com a proposta feita pelo professor e aquelas que manifestam alguma discordância profunda.

A História da América é uma das matérias mais abertas a uma certa polarização cuja discussão demandaria muitos cuidados; cuidados que não posso adotar neste momento. Minha proposta de trabalho questiona sistematicamente a percepção maniqueísta da História que veicula com muita eficácia a idéia sintética de História da América assentada na imagem das “veias abertas”. Tal como sempre ocorre na sala de aula, também no **Fórum** do ambiente virtual a discríção dos estudantes cujas manifestações indicavam sintonia ou respeito pela minha proposta de trabalho contrastou com a tenacidade de uma pessoa que argumentou durante todo o semestre em

defesa do hegelianismo e do determinismo econômico. Como a manifestação no **Fórum** se faz necessariamente por escrito, o debate pôde desdobrar-se em vários capítulos, e foi com certeza acompanhado com atenção por vários tipos de leitores que visualizo assim: um grupo majoritário, que assumiu desde a leitura de **A sociedade contra o Estado** de Pierre Clastres o interesse na ultrapassagem dos esquemas propostos pelo senso comum e pela escola; um grupo indeciso, confuso diante da complexidade de problemas que preferiam desconhecer; o grupo dos silenciosos e prudentes adeptos do seu corajoso porta-voz...

É claro que eu apreciei muito a tenacidade desse aluno, com quem dividi a atenção do grupo virtual de História da América 1 na **Moodle**. Elogiei publicamente a sua elegância e quero agradecer-lhe mais uma vez, pois ele deixou-me à vontade para desenvolver o curso com naturalidade e bom humor durante as aulas presenciais, e introduziu no **Fórum**, com o seu contra-discurso, a vitalidade sem a qual toda prática intelectual é letra morta.

Encerro aqui este relato, sugerindo uma visita à página desta experiência de criação de ambiente virtual para o curso de [História da América 1](#) na UnB. Para entrar, basta clicar no link **título da disciplina** (em **azul**, à esquerda da tela, no alto); na próxima tela, acionar o botão **Acesso como visitante**; na tela seguinte, preencher o **Código de Inscrição**: *américa* e em seguida acionar o botão **Inscreva-me neste curso**.
Benvindos!

Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília.